

CIÊNCIAS SOCIALMENTE APLICÁVEIS E HUMANIDADES:

SABERES, PRÁTICAS E HORIZONTES DE INVESTIGAÇÃO

JESÚS RIVAS GUTIÉRREZ
CHRISTIAN STARLIGHT FRANCO TREJO
(ORGANIZADORES)

VOL VI



**EDITORA
ARTEMIS**

2026

CIÊNCIAS SOCIALMENTE APLICÁVEIS E HUMANIDADES:

SABERES, PRÁTICAS E HORIZONTES DE INVESTIGAÇÃO

JESÚS RIVAS GUTIÉRREZ
CHRISTIAN STARLIGHT FRANCO TREJO
(ORGANIZADORES)

VOL VI



**EDITORIA
ARTEMIS**

2026



O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição-Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores.

Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, **conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.**

Editora Chefe	Prof. ^a Dr. ^a Antonella Carvalho de Oliveira
Editora Executiva	M. ^a Viviane Carvalho Mocellin
Direção de Arte	M. ^a Bruna Bejarano
Diagramação	Elisangela Abreu
Organizadores	Prof. Dr. Jesús Rivas Gutiérrez Prof. ^a Dr. ^a Christian Starlight Franco Trejo
Imagem da Capa	gropgrop/123RF
Bibliotecário	Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Conselho Editorial

Prof.^a Dr.^a Ada Esther Portero Ricol, Universidad Tecnológica de La Habana “José Antonio Echeverría”, Cuba
Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil
Prof. Dr. Agustín Olmos Cruz, Universidad Autónoma del Estado de México, México
Prof.^a Dr.^a Alda Rocío Ortiz Muñiz, Universidad Autónoma Metropolitana, México
Prof.^a Dr.^a Amanda Ramalho de Freitas Brito, Universidade Federal da Paraíba, Brasil
Prof.^a Dr.^a Ana Clara Monteverde, Universidad de Buenos Aires, Argentina
Prof.^a Dr.^a Ana Júlia Viamonte, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal
Prof. Dr. Ángel Mujica Sánchez, Universidad Nacional del Altiplano, Peru
Prof.^a Dr.^a Angela Ester Mallmann Centenaro, Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil
Prof.^a Dr.^a Begoña Blandón González, Universidad de Sevilla, Espanha
Prof.^a Dr.^a Carmen Pimentel, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil
Prof.^a Dr.^a Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.^a Dr.^a Cirila Cervera Delgado, Universidad de Guanajuato, México
Prof.^a Dr.^a Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal
Prof.^a Dr.^a Cláudia Padovesi Fonseca, Universidade de Brasília-DF, Brasil
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados, Brasil
Dr. Cristo Ernesto Yáñez León – New Jersey Institute of Technology, Newark, NJ, Estados Unidos



Prof. Dr. David García-Martul, Universidad Rey Juan Carlos de Madrid, Espanha

Prof.ª Dr.ª Deuzimar Costa Serra, Universidade Estadual do Maranhão, Brasil

Prof.ª Dr.ª Dina Maria Martins Ferreira, Universidade Estadual do Ceará, Brasil

Prof.ª Dr.ª Edith Luévano-Hipólito, Universidad Autónoma de Nuevo León, México

Prof.ª Dr.ª Eduarda Maria Rocha Teles de Castro Coelho, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal

Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo (USP), Brasil

Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima, Brasil

Prof.ª Dr.ª Elvira Laura Hernández Carballido, Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo, México

Prof.ª Dr.ª Emilas Darlene Carmen Lebus, Universidad Nacional del Nordeste, Argentina

Prof.ª Dr.ª Erla Mariela Morales Morgado, Universidad de Salamanca, Espanha

Prof. Dr. Ernesto Cristina, Universidad de la República, Uruguay

Prof. Dr. Ernesto Ramírez-Briones, Universidad de Guadalajara, México

Prof. Dr. Fernando Hitt, Université du Québec à Montréal, Canadá

Prof. Dr. Gabriel Díaz Cobos, Universitat de Barcelona, Espanha

Prof.ª Dr.ª Gabriela Gonçalves, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal

Prof.ª Dr.ª Galina Gumovskaya – Higher School of Economics, Moscow, Russia

Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Brasil

Prof.ª Dr.ª Gladys Esther Leoz, Universidad Nacional de San Luis, Argentina

Prof.ª Dr.ª Glória Beatriz Álvarez, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Prof. Dr. Gonçalo Poeta Fernandes, Instituto Politécnico da Guarda, Portugal

Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez, Universidad Nacional de Catamarca, Argentina

Prof. Dr. Guillermo Julián González-Pérez, Universidad de Guadalajara, México

Prof. Dr. Håkan Karlsson, University of Gothenburg, Suécia

Prof.ª Dr.ª Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco, Brasil

Prof.ª Dr.ª Isabel del Rosario Chiyon Carrasco, Universidad de Piura, Peru

Prof.ª Dr.ª Isabel Yohena, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Prof. Dr. Iván Ramon Sánchez Soto, Universidad del Bío-Bío, Chile

Prof.ª Dr.ª Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Prof. Me. Javier Antonio Albornoz, University of Miami and Miami Dade College, Estados Unidos

Prof. Dr. Jesús Montero Martínez, Universidad de Castilla - La Mancha, Espanha

Prof. Dr. João Manuel Pereira Ramalho Serrano, Universidade de Évora, Portugal

Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UNIFIMES - Centro Universitário de Mineiros, Brasil

Prof. Dr. Jorge Ernesto Bartolucci, Universidad Nacional Autónoma de México, México

Prof. Dr. José Cortez Godinez, Universidad Autónoma de Baja California, México

Prof. Dr. Juan Carlos Cancino Díaz, Instituto Politécnico Nacional, México

Prof. Dr. Juan Carlos Mosquera Feijoo, Universidad Politécnica de Madrid, Espanha

Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín, Colômbia

Prof. Dr. Juan Manuel Sánchez-Yáñez, Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo, México

Prof. Dr. Juan Porras Pulido, Universidad Nacional Autónoma de México, México



Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil

Prof. Dr. Leiníg Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil

Prof.ª Dr.ª Livia do Carmo, Universidade Federal de Goiás, Brasil

Prof.ª Dr.ª Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo, Brasil

Prof. Dr. Luis Fernando González Beltrán, Universidad Nacional Autónoma de México, México

Prof. Dr. Luis Vicente Amador Muñoz, Universidad Pablo de Olavide, Espanha

Prof.ª Dr.ª Macarena Esteban Ibáñez, Universidad Pablo de Olavide, Espanha

Prof. Dr. Manuel Ramiro Rodríguez, Universidad Santiago de Compostela, Espanha

Prof. Dr. Manuel Simões, Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, Portugal

Prof.ª Dr.ª Márcia de Souza Luz Freitas, Universidade Federal de Itajubá, Brasil

Prof. Dr. Marcos Vinicius Meiado, Universidade Federal de Sergipe, Brasil

Prof.ª Dr.ª Mar Garrido Román, Universidad de Granada, Espanha

Prof.ª Dr.ª Margarida Márcia Fernandes Lima, Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Prof.ª Dr.ª María Alejandra Arecco, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia, Brasil

Prof.ª Dr.ª Maria Carmen Pastor, Universitat Jaume I, Espanha

Prof.ª Dr.ª Maria da Luz Vale Dias – Universidade de Coimbra, Portugal

Prof.ª Dr.ª Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal

Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Prof.ª Dr.ª MªGraça Pereira, Universidade do Minho, Portugal

Prof.ª Dr.ª Maria Gracinda Carvalho Teixeira, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil

Prof.ª Dr.ª María Guadalupe Vega-López, Universidad de Guadalajara, México

Prof.ª Dr.ª Maria Lúcia Pato, Instituto Politécnico de Viseu, Portugal

Prof.ª Dr.ª Maritza González Moreno, Universidad Tecnológica de La Habana, Cuba

Prof.ª Dr.ª Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras, Brasil

Prof. Dr. Melchor Gómez Pérez, Universidad del Pais Vasco, Espanha

Prof.ª Dr.ª Ninfa María Rosas-García, Centro de Biotecnología Genómica-Instituto Politécnico Nacional, México

Prof.ª Dr.ª Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense, Brasil

Prof. Dr. Osbaldo Turpo-Gebera, Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa, Peru

Prof.ª Dr.ª Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras, Brasil

Prof.ª Dr.ª Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia, Brasil

Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará, Brasil

Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares, Universidade Federal do Piauí, Brasil

Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí, Brasil

Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Prof.ª Dr.ª Silvia Inés del Valle Navarro, Universidad Nacional de Catamarca, Argentina

Prof.ª Dr.ª Solange Kazumi Sakata, Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares (IPEN)- USP, Brasil

Prof.ª Dr.ª Stanislava Kashtanova, Saint Petersburg State University, Russia

Prof.ª Dr.ª Susana Álvarez Otero – Universidad de Oviedo, Espanha

Prof.ª Dr.ª Teresa Cardoso, Universidade Aberta de Portugal

Prof.^a Dr.^a Teresa Monteiro Seixas, Universidade do Porto, Portugal

Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa, Brasil

Prof.^a Dr.^a Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande, Brasil

Prof.^a Dr.^a Vera Lúcia Vasilévski dos Santos Araújo, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Brasil

Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, Corporación Universitaria Autónoma del Cauca, Colômbia

Prof. Dr. Xosé Somoza Medina, Universidad de León, Espanha

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

C569 Ciências Socialmente Aplicáveis e Humanidades [livro eletrônico] : Saberes, Práticas e Horizontes de Investigação VI / Organizadores Jesús Rivas Gutiérrez, Christian Starlight Franco Trejo. – 1. ed. – Curitiba, PR: Editora Artemis, 2026.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Edição bilíngue.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-82858-27-7

DOI 10.37572/EdArt_280926277

1. Ciências sociais. 2. Humanidades. I. Rivas Gutiérrez, Jesús. II. Franco Trejo, Christian Starlight

CDD 300

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422



Editora Artemis

Curitiba-PR Brasil

www.editoraartemis.com.br

e-mail: publicar@editoraartemis.com.br

PRÓLOGO

Las Ciencias Socialmente Aplicadas y las Humanidades constituyen campos privilegiados para la comprensión de las relaciones que se establecen entre sociedades, territorios, instituciones, culturas y sujetos. Al reunir diferentes perspectivas teóricas y metodológicas, permiten observar los fenómenos contemporáneos en múltiples escalas, desde grandes disputas geopolíticas y procesos de desarrollo territorial hasta experiencias particulares de vulnerabilidad, formación humana y producción cultural.

El sexto volumen de ***Ciências Socialmente Aplicáveis e Humanidades: Saberes, Práticas e Horizontes de Investigação*** reúne dieciséis capítulos organizados en cuatro ejes temáticos: **Geopolítica, Territorio y Desarrollo Sostenible; Derechos, Género, Vulnerabilidad y Relaciones Sociales; Formación Humana, Ciencia y Responsabilidad Social; y Cultura, Historia e Interpretación del Conocimiento**. Esta estructura propone un recorrido que parte de cuestiones de alcance internacional y territorial y, progresivamente, dirige la mirada hacia las relaciones sociales, los sujetos y las formas mediante las cuales el conocimiento y la cultura son construidos, transmitidos e interpretados.

El primer eje aborda temas relacionados con la gestión y disputa de recursos estratégicos, la soberanía, el comercio internacional, la sostenibilidad urbana, la seguridad alimentaria, el desarrollo socioeconómico y la participación comunitaria. En diferentes contextos geográficos, los estudios evidencian cómo las cuestiones ambientales, económicas y políticas se articulan con la organización de los territorios y con las posibilidades de desarrollo sostenible.

El segundo eje aproxima el análisis a las relaciones sociales y a los desafíos vinculados con los derechos humanos, las desigualdades de género y las situaciones de vulnerabilidad. La violencia, la discriminación, la maternidad y la paternidad, el acceso a la justicia y la convivencia escolar son abordados desde perspectivas que ponen de relieve las tensiones presentes en las relaciones sociales y la importancia de las instituciones, los mecanismos de mediación y las políticas de protección en la construcción de sociedades más equitativas.

En el tercer eje, la atención se dirige hacia la formación humana, la producción científica y la responsabilidad social. Los capítulos discuten la formación de científicos y profesionales, la necesidad de prácticas más reflexivas, sostenibles e inclusivas y la valorización de concepciones educativas capaces de reconocer al sujeto en su integralidad. Más que centrarse exclusivamente en los procesos de enseñanza, los trabajos reflexionan sobre la función social de la formación y sobre las responsabilidades éticas inherentes a la producción y aplicación del conocimiento.

Finalmente, el cuarto eje reúne estudios que exploran las relaciones entre historia, cultura, conocimiento e interpretación. La estandarización tipográfica en el contexto soviético y las controversias arqueológicas relacionadas con los relieves del antiguo Egipto muestran, desde perspectivas distintas, que la producción y transmisión del conocimiento se encuentran vinculadas a contextos históricos, evidencias y sistemas de interpretación que requieren un examen crítico. Esta reflexión se amplía hacia el diálogo intercultural entre diferentes tradiciones de conocimiento, particularmente a partir de las relaciones entre la biología cultural y los saberes mapuche. Desde esta perspectiva, el reconocimiento del otro, la reciprocidad y el cuidado de las relaciones entre comunidades, naturaleza y territorio permiten explorar el amor como condición de resistencia y regeneración, así como el Buen Vivir como horizonte ético y político de convivencia.

Al reunir investigaciones provenientes de diferentes áreas y realidades, este volumen reafirma el carácter plural de las Ciencias Socialmente Aplicadas y las Humanidades. En común, los trabajos aquí presentados demuestran que comprender las transformaciones sociales contemporáneas exige articular escalas, reconocer la complejidad de los fenómenos y mantener abierto el diálogo entre distintos saberes, métodos y perspectivas. Esta pluralidad invita también a reflexionar sobre las formas en que las sociedades producen, legitiman y transmiten conocimientos, así como sobre las responsabilidades que acompañan nuestras maneras de comprender, transformar y habitar el mundo.

¡Buena lectura!

Jesús Rivas Gutiérrez

Christian Starlight Franco Trejo

SUMÁRIO

GEOPOLÍTICA, TERRITÓRIO E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

CAPÍTULO 1..... 1

AGUA, SEGURIDAD E INFLUENCIA ESTADOUNIDENSE EN LA ZONA DEL ACUÍFERO GUARANÍ Y LA TRIPLE FRONTERA

Javier Luchetti

Florencia Olivera

Luciana Rodríguez

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2809262771

CAPÍTULO 2..... 10

ANÁLISIS JURÍDICO MULTINIVEL, RIESGOS SOCIOAMBIENTALES Y PROSPECTIVA COMERCIAL BAJO EL ACUERDO INTERNACIONAL T-MEC “SUSPENSIÓN TEMPORAL DE LAS INSPECCIONES PARA LA EXPORTACIÓN DE AGUACATE MICHOACANO HACIA ESTADOS UNIDOS DE AMÉRICA”

Marcial Reyes Cázares

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2809262772

CAPÍTULO 3..... 38

TOWARD A SUSTAINABLE DOWNTOWN AMMAN: A CONCISE LEED-BASED STRATEGIC FRAMEWORK FOR THE AL-MADINA DISTRICT

Diala Atiyat

Dua'a Almajali

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2809262773

CAPÍTULO 4..... 48

SEGURANÇA ALIMENTAR EM TERRITÓRIOS URBANOS: HORTAS AGROECOLÓGICAS COMO ESTRATÉGIA DE DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO E SUSTENTABILIDADE

Francisco Luis Giraldo Gutiérrez

Dumar Orlando Sánchez

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2809262774

CAPÍTULO 5..... 56

EVALUACIÓN DE COMUNIDADES DE APRENDIZAJE CAMPESINO “SEMBRADORES YOPES, CULTIVANDO EL CAMPO Y COTÓN AMUZGO”

Marco Eymard Cortés Gaspar

Fabiola Salado Loreto

Mónica Corazón Gordillo Escalante

Mirna González Salinas

Alejandro Quintero León

Roger Joseph Bergeret Muñoz

Abraham Garay Velázquez

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2809262775

DIREITOS, GÊNERO, VULNERABILIDADE E RELAÇÕES SOCIAIS

CAPÍTULO 6.....70

SISTEMA DA PROSTITUIÇÃO: VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES INCOMPATÍVEL COM OS DIREITOS HUMANOS

Ana Sofia Fernandes

Alexandra Silva

Margarida Teixeira

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2809262776

CAPÍTULO 7 86

MATERNIDAD Y PATERNIDAD BAJO PRESIÓN EN EL ESTUDIO Y EL TRABAJO

Rocío Fuentes Valdivieso

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2809262777

CAPÍTULO 8..... 98

LAS FALSAS DENUNCIAS SOBRE GÉNERO

Martha B. Rodríguez González

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2809262778

CAPÍTULO 9..... 106

LA NORMALIZACIÓN DE LA VIOLENCIA EN ADOLESCENTES DE EDUCACIÓN
MEDIA SUPERIOR TRAS LA PANDEMIA: ESTRATEGIAS DE MEDIACIÓN

María Esther Carmona Ortiz

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2809262779

FORMAÇÃO HUMANA, CIÊNCIA E RESPONSABILIDADE SOCIAL

CAPÍTULO 10..... 120

TENSIONES AL HUMANIZAR, SOCIALIZAR Y EDUCAR CIENTÍFICOS. UNA POSTURA
SOCIAL

Luis Rodolfo Ibarra Rivas

 https://doi.org/10.37572/EdArt_28092627710

CAPÍTULO 11..... 137

INGENIERÍAS MÁS SOSTENIBLES E INCLUSIVAS: LA REFLEXIVIDAD COMO
PRÁCTICA FORMATIVA

Mercedes Soria

 https://doi.org/10.37572/EdArt_28092627711

CAPÍTULO 12..... 150

EL ENFOQUE DISCIPLINAR DE EDUCACIÓN FÍSICA CENTRADO EN LA PERSONA
Y SU MOVIMIENTO: FUNDAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS, IMPLICACIONES
PEDAGÓGICAS Y DESAFÍOS PARA LA FORMACIÓN INTEGRAL

Alejandro Alberto López Niño

 https://doi.org/10.37572/EdArt_28092627712

CULTURA, HISTÓRIA E INTERPRETAÇÃO DO CONHECIMENTO

CAPÍTULO 13..... 160

FROM OST-1337 TO GOST 3489: SOVIET TYPE STANDARDIZATION AND THE
FORMATION OF MODERN TYPOGRAPHIC INFRASTRUCTURE

Hyunguk Ryu

 https://doi.org/10.37572/EdArt_28092627713

CAPÍTULO 14.....176

¿TECNOLOGÍA IMPOSIBLE EN EL ANTIGUO EGIPTO? LOS RELIEVES DE ABIDOS Y
LOS LÍMITES DE LA INTERPRETACIÓN ARQUEOLÓGICA

Humberto Álvarez Sepúlveda

 https://doi.org/10.37572/EdArt_28092627714

CAPÍTULO 15 188

LA «LÁMPARA DE DENDERA»: ¿ARTEFACTO TECNOLÓGICO O REPRESENTACIÓN
DE LA CREACIÓN DEL MUNDO?

Humberto Álvarez Sepúlveda

 https://doi.org/10.37572/EdArt_28092627715

CAPÍTULO 16.....200

EL AMOR COMO CONDICIÓN NATURAL Y POLÍTICA DE RESISTENCIA. MIRADAS
INTERCULTURALES HACIA EL BUEN VIVIR

Ximena Sepúlveda Varas

Vicente Paniel Seguel

 https://doi.org/10.37572/EdArt_28092627716

SOBRE OS ORGANIZADORES 221

ÍNDICE REMISSIVO 223

CAPÍTULO 16

EL AMOR COMO CONDICIÓN NATURAL Y POLÍTICA DE RESISTENCIA. MIRADAS INTERCULTURALES HACIA EL BUEN VIVIR

Data de aceite: 28/09/2026

Ximena Sepúlveda Varas¹

<https://orcid.org/0000-0001-5580-045X>

Vicente Painel Seguel²

RESUMEN: El presente ensayo desarrolla una aproximación especulativa-crítica a las relaciones culturales, políticas y territoriales que se configuran en contextos interculturales asimétricos, proponiendo al amor como categoría relacional desde la cual explorar formas de convivencia, resistencia y reconocimiento. Para ello, pone en diálogo la autopoiesis y los desarrollos posteriores de Humberto Maturana y Francisco Varela sobre amor, convivencia, autonomía y

conocimiento, con conocimientos, prácticas y categorías relacionales mapuche. Desde esta perspectiva, el amor es comprendido como un dominio relacional que hace posibles determinadas formas de reconocimiento, coordinación y aceptación del otro. Sobre esta base, exploramos correspondencias con formas mapuche de comprender y practicar las relaciones entre personas, comunidades, naturaleza y territorio, expresadas en categorías como *itrofill mongen*, *az mapu*, *kimün* y *küme mogen*. Esta reflexión se desplaza hacia dos experiencias territoriales: los Espacios Costeros Marinos de Pueblos Originarios asociados a la Ley Lafkenche y el proceso de protección de los Humedales de Monkul. A partir de estos casos, proponemos comprender determinadas prácticas de defensa, cuidado y regeneración territorial como formas de resistencia que conservan y recrean conocimientos, relaciones comunitarias y maneras de vivir. La resistencia aparece así no solo como oposición, sino como práctica afirmativa de conservación y regeneración. El diálogo entre biología cultural y conocimiento mapuche permite, finalmente, ampliar la comprensión del amor como condición natural, social y política de resistencia y pensar el Buen Vivir como horizonte de convivencia fundado en el reconocimiento, la reciprocidad y el cuidado de las relaciones que sostienen la vida.

PALABRAS CLAVE: amor; biología cultural; interculturalidad; resistencia; buen vivir.

¹ Ximena Sepúlveda Varas es Licenciada en Ciencias de La Ingeniería, Magíster en Desarrollo Humano Local y Regional del Instituto de Desarrollo Local y Regional, Universidad de La Frontera; y estudiante del Programa de Doctorado en Estudios Interculturales, Universidad Católica de Temuco.

² Vicente Painel Seguel es activista de interculturalidad efectiva, investigador, profesor y Licenciado en Filosofía de la Universidad de Chile; Magíster en Historia, mención etnohistoria de la misma Universidad; Co-fundador de la Cooperativa de Ahorro y Crédito Endógena Mapuche Küme Mogen. C.

1. INTRODUCCIÓN. UN ACERCAMIENTO AL AMOR

*Madre tierra, madre tierra / Mapu ñuke, mapu ñuke
mapuche tus entrañas paren/mi pu pvxa jeqkey pu mapuce,
en constante movimiento/amuleci hegvmvvwnmu
de atardeceres y amaneceres./naqvn antv mew ka pu liwen.
En valles y montañas,/Lelfvn mew ka mawida mew,
rewew, pewen, foie/xiwe, peweh ka foye leliwvlnieygvn kajifvwenu,
su toki yerguen/wixapvray tami pu toki
para liberarte y defenderte/mi kisu gvnewam ka mi rumekagenuam
acariciarte y amarte/ka tami poyeatew ka ayvatew
madre tierra./mapu ñuke.*

Madre Tierra (Rayen Kvyeh, 1997)

El amor, como fenómeno biológico primordial, emerge de la profunda necesidad de conexión y reconocimiento entre los seres vivos. En tanto dinámica relacional, puede comprenderse como una fuerza que favorece cooperación, reciprocidad, cuidado y convivencia. Esta dinámica alcanza también nuestra relación con la naturaleza, fortaleciendo el vínculo entre los seres humanos y el entorno que los contiene y del cual forman parte.

Este reconocimiento va más allá de simplemente ver al otro –humano o no humano– en términos de afecto, atención o empatía. Exige reconocernos mutuamente como legítimos en la convivencia y, en el ámbito social y político, como merecedores de derechos y dignidad. En contextos interculturales asimétricos, esta disposición adquiere una particular significación política: reconocer otras culturas implica también reconocer sus conocimientos, valores y prácticas como portadores de experiencias y perspectivas propias. La interculturalidad deja entonces de ser contemplación o tolerancia superficial de la diferencia para implicarnos en ella como participantes y no como espectadores.

En la exploración de la autopoiesis, Humberto Maturana y Francisco Varela propusieron una nueva manera de comprender aquello que distingue y constituye a los seres vivos. La pregunta básica surge de distinguir qué es lo vivo y qué muere, o qué tiene que estar pasando en la interioridad de un ente para que un observador, mirándolo desde afuera, pueda decir que se encuentra vivo. En esta antesala a la totalidad amorosa, la autopoiesis –la producción de sí mismo– permitió pensar el vivir como una organización que se conserva y transforma en permanente relación con un medio (Maturana & Varela, 1984).

Los desarrollos posteriores de Maturana llevaron esta reflexión hacia el lenguaje, el emocionar, la convivencia y la cultura, situando al amor como aquella emoción que abre un dominio de acciones en el cual el otro surge como legítimo otro en la convivencia. El amor deja así de ser solamente un sentimiento privado para adquirir una dimensión relacional: hace posibles determinadas formas de reconocimiento, coordinación y vida en común.

Desde la experiencia de lo vivido, esta concepción permite también volver sobre nuestra relación con la naturaleza. Reconocernos como parte componente de ella transforma la manera de observar aquello que nos rodea: bosque, río, humedal, mar, animales y plantas dejan de aparecer únicamente como recursos exteriores disponibles para nuestro uso y pueden ser reconocidos dentro de las relaciones que hacen posible nuestra propia existencia.

Es en este punto donde la reflexión encuentra resonancias con conocimientos y prácticas mapuche. Las relaciones entre personas, comunidad, naturaleza y territorio aparecen allí atravesadas por formas de conocimiento, reciprocidad y cuidado que permiten ampliar nuestra pregunta inicial. El conocimiento mapuche – y, más ampliamente, los conocimientos vernáculos arraigados en los territorios – entra así en este ensayo no como simple objeto cultural susceptible de ser explicado desde una teoría externa, sino como un campo de conocimiento capaz de conversar con ella, interrogarla y ampliar sus posibilidades de comprensión.

Esta conversación nos conduce hacia el *itrofill mongen*, el *az mapu*, el *kimün* y el *küme mogen*: categorías que permiten aproximarnos a las relaciones mediante las cuales naturaleza, territorio, comunidad, conocimiento y formas de vida adquieren sentido. Desde allí exploraremos cómo determinadas prácticas mapuche de cuidado, defensa y regeneración territorial pueden ser comprendidas como formas de resistencia que buscan conservar aquello que hace posible continuar viviendo.

Las preguntas que orientan este recorrido son, entonces: ¿qué correspondencias pueden reconocerse entre la concepción relacional del amor desarrollada por Maturana y determinadas experiencias y conocimientos mapuche? ¿Qué permiten comprender esas correspondencias acerca de prácticas de resistencia frente a relaciones crematísticas y expoliadoras con los territorios? ¿Qué ocurre cuando el *kimün* y la biología cultural son puestos en una relación capaz de interrogar y enriquecer recíprocamente ambos campos de comprensión? Y, finalmente, ¿qué elementos ofrecen estas prácticas para pensar el Buen Vivir como un horizonte más amplio de convivencia?

2. METODOLOGÍA: ENFOQUE EPISTEMOLÓGICO Y ESTRATEGIA ANALÍTICA

2.1. POSICIONAMIENTO EPISTEMOLÓGICO

El presente trabajo corresponde a un ensayo teórico-reflexivo sustentado en análisis documental y en el examen de casos paradigmáticos. Su aproximación recoge elementos de la denominada ciencia romántica, entendida como una disposición integrativa frente al conocimiento que procura aproximarse a los fenómenos sin descomponer las relaciones que les otorgan sentido (Luria, 1979). En esta perspectiva, territorio, cultura, conocimiento, emociones, economía y política no constituyen dimensiones independientes, sino expresiones entrelazadas de una realidad que buscamos comprender en su movimiento.

Esta conversación se construye también desde la posición situada de sus autores y, particularmente, desde el conocimiento mapuche aportado por uno de ellos; algunas de las categorías, relaciones y comprensiones desarrolladas en el ensayo participan, por tanto, de esta elaboración intercultural.

Dentro de esa totalidad es posible, sin embargo, buscar aquello que Goethe denominó *Urphänomen*: un fenómeno basal desde el cual recorrer relaciones más complejas (Goethe, 1810). Para nuestra exploración intercultural situamos allí al amor, no como respuesta anticipada, sino como hebra conductora desde la cual observar las relaciones que hacen posible determinadas formas de convivencia, conocimiento, cuidado y resistencia.

Esta posición supone reconocer la coexistencia de diversas maneras de producir y comunicar conocimiento. La biología cultural de Maturana y los desarrollos de Varela constituyen uno de los campos desde los cuales interrogamos el problema; el conocimiento mapuche y otros conocimientos vernáculos territorialmente arraigados participan desde su propia capacidad de producir sentido. El ejercicio metodológico consiste, por ello, en poner estos campos en conversación, atendiendo a correspondencias, resonancias y tensiones capaces de ampliar recíprocamente sus posibilidades de comprensión.

2.2. FUENTES, CASOS Y ESTRATEGIA DE ANÁLISIS

El corpus articula tres registros. El primero reúne las obras de Humberto Maturana y Francisco Varela sobre autopoiesis, biología cultural, amor, convivencia, autonomía, enacción y conocimiento situado, junto con literatura pertinente sobre conocimiento indígena, interculturalidad y relaciones entre sociedad y naturaleza. El segundo incorpora producciones mapuche –particularmente poesía y reflexión escrita de Rayen Kvyeh

(1997), Elicura Chihuailaf (1999), Leonel Lienlaf (2003), Graciela Huinao (2006), María Teresa Panchillo Neculwal (en Barron, 2008) y Lorenzo Aillapan (Aillapan & Rozzi, 2004) –, abordadas como expresiones de conocimiento que participan de la construcción conceptual del ensayo. El tercero comprende fuentes jurídicas, institucionales, académicas, comunitarias y periodísticas vinculadas a los casos estudiados.

El análisis se desplaza desde estos materiales hacia dos experiencias contemporáneas en territorio mapuche lafkenche: los Espacios Costeros Marinos de Pueblos Originarios (ECMPO), creados mediante la Ley N.º 20.249, y el proceso comunitario e institucional que condujo al reconocimiento de los Humedales de Monkul como sitio Ramsar. Se trata de experiencias diferentes en escala e instrumentos, pero particularmente expresivas de las relaciones que buscamos observar. La primera permite aproximarnos al reconocimiento jurídico de usos consuetudinarios y formas indígenas de relación y administración del espacio costero-marino; la segunda, a la articulación entre conocimiento territorial, organización comunitaria y dispositivos contemporáneos de conservación ambiental. En ambas, comunidad, conocimiento, territorio y acción colectiva se encuentran en movimiento.

Metodológicamente articulamos tres operaciones complementarias. Un análisis conceptual-relacional pone en conversación categorías de la biología cultural y los desarrollos de Varela con conceptos y prácticas provenientes del conocimiento mapuche, entre ellos *kimün*, *az mapu*, *itrofill mongen* y *küme mogen*. Un ejercicio hermenéutico aborda las producciones literarias y reflexivas mapuche atendiendo a su capacidad de comunicar relaciones y experiencias que participan del propio proceso de conocimiento. Finalmente, un análisis documental y discursivo reconstruye los casos distinguiendo entre antecedentes documentados, posiciones de los actores e interpretación de los autores. Los casos operan así como espacios donde la propuesta conceptual encuentra experiencias territoriales concretas y puede ser interrogada por ellas.

Esta estrategia posee límites definidos. No se trata de una investigación empírica de campo ni pretende generalizar desde dos experiencias al conjunto del pueblo mapuche o de los Pueblos Originarios. El diálogo entre tradiciones de conocimiento comporta, además, diferencias históricas, epistemológicas y semánticas que permanecen abiertas. Por ello trabajamos sobre relaciones, correspondencias y tensiones antes que sobre identidades conceptuales, atendiendo al carácter histórico y dinámico de las prácticas estudiadas. En estos términos, el amor funciona como fenómeno basal y hebra conductora del recorrido: su capacidad interpretativa deberá emerger del encuentro entre teoría, conocimiento mapuche, conocimiento vernáculo y experiencia territorial.

3. MARCO TEÓRICO. NOTA DE OBSERVAÇÃO O ACERCAMIENTO CIENTÍFICO

La reflexión que proponemos encuentra una primera hebra conductora en la teoría de la autopoiesis desarrollada por Humberto Maturana y Francisco Varela. Su punto de partida contiene una pregunta tan elemental como profunda: ¿qué distingue aquello que está vivo? La respuesta desplaza la atención desde la enumeración de propiedades hacia la organización misma del vivir. Un ser vivo existe en la medida en que produce y regenera continuamente los componentes y relaciones que hacen posible su propia realización como unidad (Maturana & Varela, 1980, 1984).

La autopoiesis describe una organización circular y recursiva que conserva su autonomía en permanente relación con el medio. Mientras vive, el organismo cambia en el curso de esa relación sin perder la organización que hace posible su existencia. La noción de acoplamiento estructural permite comprender esta coexistencia entre autonomía y transformación: organismo y medio participan de una historia de cambios congruentes en la cual la identidad persiste precisamente porque puede transformarse.

Esta primera aproximación permite situarnos frente a una idea que recorrerá nuestro ensayo: vivir implica conservar y transformar relaciones. Desde allí, los desarrollos posteriores de Maturana y Varela siguen caminos diferentes y, para nuestra reflexión, profundamente complementarios. Maturana avanza hacia el lenguaje, las emociones, la convivencia y la cultura; Varela profundiza las nociones de autonomía e identidad y las conduce hacia la cognición corporizada, la enacción y el saber-hacer. Ambos recorridos desplazan nuestra pregunta desde aquello que define a un ser vivo hacia aquello que ocurre cuando los seres vivos conocen, actúan, conviven y producen mundos significativos.

3.1. AMOR, CONVIVENCIA Y CONSERVACIÓN DE MODOS DE VIVIR

En el desarrollo posterior de Maturana, lenguaje y emociones adquieren un lugar fundamental. El lenguaje ocurre en coordinaciones consensuales y recurrentes de acciones; el lenguajear y el emocionar se entrelazan en el conversar, haciendo de la conversación un espacio donde los seres humanos coordinan acciones y participan conjuntamente de determinadas maneras de vivir (Maturana, 1988).

La cultura puede comprenderse, desde esta perspectiva, como una red de conversaciones que se conserva y transforma en el curso de las generaciones. Palabras, emociones, prácticas y relaciones configuran maneras particulares de convivir y otorgar sentido al mundo. Su continuidad no requiere permanecer idéntica: una cultura vive precisamente porque aquello que conserva puede ser recreado frente a nuevas circunstancias.

Es en este dominio donde el amor adquiere una significación fundamental. Para Maturana, designa la emoción que configura aquel dominio de acciones en el cual el otro surge como legítimo otro en la convivencia (Maturana, 1988). Su importancia reside, por tanto, en las relaciones que hace posibles: reconocimiento, cooperación, encuentro y coexistencia.

La posterior biología-cultural profundiza esta trayectoria al comprender a los seres humanos en la unidad de sus dimensiones biológicas y culturales. Vivimos lenguajeando, emocionando, conversando y transformando conjuntamente los mundos que habitamos; nuestras conversaciones y prácticas participan del nicho en el cual realizamos nuestra existencia (Maturana & Dávila, 2008; Maturana et al., 2016; Dávila & Maturana, 2023). Habitar deja así de significar simplemente ocupar un espacio y comienza a expresar una historia de relaciones mediante las cuales una manera de vivir encuentra condiciones para realizarse y continuar.

3.2. AUTONOMÍA, ENACCIÓN Y SABER-HACER

Desde *Principles of Biological Autonomy*, Varela (1979) vincula la autonomía a la producción y conservación de una identidad en el curso de las relaciones. Posteriormente, su reflexión se desplaza hacia la cognición y cuestiona su comprensión como representación interna de un mundo exterior.

La perspectiva *enactiva* desarrollada por Varela, Thompson y Rosch (1991) comprende la cognición como acción corporizada: conocemos desde un cuerpo, una historia y las relaciones que establecemos con aquello que nos rodea. El mundo significativo emerge así en una historia de acciones, percepciones y encuentros entre el ser vivo y su medio. Conocer es también habitar y hacer.

Esta perspectiva resulta particularmente fértil para aproximarnos a conocimientos territorialmente arraigados. Conocer un lugar puede realizarse en maneras de recorrerlo, nombrarlo, cultivarlo, cuidarlo, recordarlo y compartirlo. Territorio, experiencia y conocimiento aparecen entonces entrelazados: las maneras de conocer participan de las maneras de vivir y estas producen, a su vez, nuevos conocimientos.

El *ethical know-how* desarrollado posteriormente por Varela (1999) lleva esta relación hacia el dominio ético. Parte de nuestra capacidad de actuar se constituye como un saber-hacer situado, cultivado en la experiencia y realizado frente a circunstancias concretas. Cuidar, cooperar, compartir o responder ante aquello que amenaza una relación pueden ser, desde esta perspectiva, prácticas aprendidas y socialmente conservadas.

El conocimiento deja así de encontrarse únicamente en aquello que sabemos acerca de un mundo y comienza a revelarse también en aquello que sabemos hacer en

él. Entre la conservación de maneras de vivir propuesta desde la biología cultural y el conocimiento situado que emerge de la enacción se abre, entonces, el espacio desde el cual este ensayo se aproxima al conocimiento mapuche: no para incorporarlo como una prolongación de estas teorías, sino para observar qué ocurre cuando distintas experiencias del conocer, relacionarse y habitar son puestas en conversación.

4. AMOR, AUTOPOIESIS Y RESISTENCIA

La relación entre amor, autopoiesis y resistencia adquiere una significación particular cuando se aproxima al conocimiento mapuche. Si la autopoiesis nos condujo hacia la conservación de la vida y Maturana y Varela abrieron caminos hacia la convivencia, el conocimiento y la acción, el encuentro con el *kimün* desplaza nuevamente nuestra mirada hacia las formas concretas mediante las cuales una comunidad conoce, habita, cuida y recrea las relaciones que hacen posible su existencia.

Es precisamente en este tránsito donde el amor puede adquirir una dimensión política. Aquello que permite reconocer y cuidar las relaciones que sostienen una manera de vivir puede movilizar también su defensa cuando esas relaciones se encuentran amenazadas. Amor y resistencia dejan así de aparecer como términos distantes y pueden encontrarse en las prácticas mediante las cuales una comunidad procura conservar y regenerar las condiciones de su propio vivir.

4.1. CONOCIMIENTO MAPUCHE, NATURALEZA Y TERRITORIO

La relación con la naturaleza ocupa un lugar fundamental en el conocimiento mapuche. Tierra, agua, bosque, animales, plantas, fuerzas y personas participan de un mundo relacional en el cual la vida se manifiesta de múltiples formas. La noción de *nwen*, por ejemplo, nos aproxima a una comprensión donde seres, lugares y elementos poseen fuerza y participan activamente del mundo vivido. Cerros, *menoko*, *trayenko*, humedales, bosques, ríos y espacios costeros forman parte de relaciones sociales, medicinales, espirituales, productivas y comunitarias recreadas durante generaciones.

El territorio aparece así como algo más que el soporte material de la existencia. Recorrer, observar, recolectar, cultivar, sanar, escuchar, recordar o nombrar son también maneras de conocerlo y habitarlo. El *kimün* participa de esta dimensión viva del conocimiento: se transmite y conserva porque vuelve a realizarse en la experiencia y porque puede responder a las transformaciones que encuentra en su devenir.

El *az mapu* articula conocimiento, ética y práctica en formas de relacionarse con personas, comunidades, lugares y otras formas de vida (Melín Pehuén et al., 2016). El

küme mogen, por su parte, aproxima hacia un buen vivir cuyas condiciones relacionales y comunitarias exceden la acumulación material como medida del bienestar. El *itrofill mongen* profundiza esta apertura al situar la existencia humana dentro de la multiplicidad de la vida. La biodiversidad participa de esta comprensión, pero no la agota: aquello que está en juego es también la coexistencia y las relaciones mediante las cuales esa diversidad puede continuar realizándose.

Estas categorías permiten volver sobre el amor desde otro lugar. Si amar supone reconocer la existencia del otro como significativa para la convivencia, la pregunta puede extenderse hacia las relaciones que vinculan a las personas y comunidades con otras formas de vida. El cuidado de la naturaleza y del territorio aparece entonces dentro de una trama donde la continuidad de aquello con lo que convivimos participa también de las condiciones de nuestra propia existencia.

4.2. LA PALABRA COMO CONOCIMIENTO: LITERATURA, MEMORIA Y TERRITORIO

La literatura mapuche ofrece otra entrada hacia estas relaciones. La palabra poética reúne territorio, memoria, afectividad y conocimiento allí donde las categorías analíticas encuentran sus límites.

En *Madre Tierra*, Rayen Kvyeh escribe:

*Liberarte y defenderte
acariciarte y amarte.*

La proximidad entre defender y amar contiene una intuición que atraviesa nuestra propuesta. El amor hacia la tierra no aparece como contemplación distante: la caricia y la resistencia pueden coexistir dentro de una misma relación. Cuando aquello que forma parte de esa relación se encuentra amenazado, el cuidado puede adquirir la forma de defensa.

En la obra de Elicura Chihuailaf, palabra, memoria y territorio aparecen también profundamente vinculados. Los mayores, el fogón, los sueños, el bosque y las conversaciones participan de una experiencia donde conocer implica escuchar y recordar. Las voces de María Teresa Panchillo, Leonel Lienlaf, Graciela Huinao y Lorenzo Aillapan amplían este campo: tierra, árboles, aves, agua, memoria, despojo y pertenencia ingresan en la escritura como participantes de un mundo vivido.

Aillapan resulta particularmente expresivo. El canto de las aves es escuchado, interpretado y recreado mediante la voz humana; la observación de movimientos y sonidos se transforma en conocimiento y nuevamente en palabra. Escuchar es también conocer, y el conocimiento puede volver a convertirse en canto.

La palabra poética participa así del conocimiento con el cual dialogamos. No acompaña simplemente nuestra argumentación: conserva experiencias y relaciones y abre otras posibilidades para pensar el amor, la naturaleza y la convivencia.

4.3. CONSERVAR, REGENERAR, RESISTIR

La historia del pueblo mapuche se encuentra atravesada por profundas transformaciones territoriales. La ocupación y reducción de sus territorios, los procesos de radicación y asimilación y la posterior expansión de distintas actividades productivas modificaron las condiciones materiales y relacionales de la vida comunitaria (Bengoá, 2000). La pérdida territorial excede, por ello, la disminución de una superficie disponible. Cuando conocimientos y prácticas dependen de lugares, especies, cursos de agua, ciclos y relaciones comunitarias, transformar un territorio puede alterar también las condiciones para transmitir conocimientos, practicar medicina, desarrollar actividades tradicionales, realizar ceremonias o conservar memorias.

Defender un espacio puede significar entonces defender simultáneamente las prácticas que allí se realizan, los conocimientos mediante los cuales se comprende y las relaciones que encuentran allí sus condiciones de existencia.

Las maneras de vivir persisten porque son transmitidas, practicadas y recreadas. Cada generación recibe conocimientos y relaciones y, al mismo tiempo, los transforma frente a nuevas circunstancias. La resistencia puede comprenderse dentro de ese movimiento: mantener una lengua en uso, transmitir un conocimiento, recuperar una semilla, proteger un humedal, defender un espacio ceremonial, sostener formas comunitarias de organización o recuperar capacidad de decisión sobre un territorio.

Se resiste por aquello que se quiere hacer permanecer.

Esta dimensión afirmativa permite comprender que resistencia y transformación no son necesariamente contrarias. Leyes, categorías de protección ambiental, procedimientos administrativos o mecanismos internacionales pueden ser apropiados como herramientas mediante las cuales prácticas y conocimientos territorialmente arraigados encuentran nuevas posibilidades de continuidad. Resistir puede involucrar traducción, negociación, aprendizaje, innovación e institucionalización.

Es allí donde el amor adquiere la densidad política que buscamos. El cuidado puede convertirse en organización; el conocimiento, en argumento; la memoria, en demanda; la práctica consuetudinaria, en derecho; la preocupación por un humedal, en instrumento de conservación. Aquello que se ama porque participa de las condiciones del propio vivir puede convertirse, cuando su continuidad se encuentra amenazada, en objeto de acción colectiva.

Proponemos llamar mirada amorosa a esta forma de observar las relaciones cuya continuidad se encuentra en juego: preguntar qué se protege cuando se protege un territorio, qué conocimientos permanecen cuando se conserva una práctica y qué formas de convivencia se sostienen cuando una comunidad reclama capacidad de decidir sobre el espacio que habita. El cuidado y el conflicto pueden encontrarse allí, porque defender aquello cuya existencia importa puede conducir precisamente hacia la resistencia.

El amor como condición política de resistencia puede expresarse, por tanto, en prácticas cotidianas de conservación, transmisión, cooperación y cuidado que ingresan al espacio político cuando aquello que buscan mantener vivo se encuentra en disputa. Las experiencias contemporáneas del pueblo mapuche lafkenche permiten observar concretamente este movimiento. Los Espacios Costeros Marinos de Pueblos Originarios y el proceso de protección de los Humedales de Monkul nos llevan del conocimiento a la práctica, de la práctica al cuidado y del cuidado a la acción política.

Es allí, en el territorio y en las relaciones que permiten habitarlo, donde nuestra reflexión deja momentáneamente el dominio de las categorías para encontrarse con la experiencia.

5. ESTUDIOS DE CASO: PRÁCTICAS TERRITORIALES DE CONSERVACIÓN Y RESISTENCIA

Los casos que analizamos se sitúan en territorio lafkenche y permiten observar diferentes formas en que conocimiento, prácticas consuetudinarias, organización comunitaria y acción política confluyen en la conservación de espacios de vida. El primero corresponde a los Espacios Costeros Marinos de Pueblos Originarios (ECMPO), creados mediante la Ley N.º 20.249; el segundo, al proceso comunitario e institucional que condujo al reconocimiento de los Humedales de Monkul como sitio Ramsar. Más allá de sus resultados institucionales, nos interesan las relaciones entre conocimiento y territorio que los anteceden y sostienen, y las formas mediante las cuales su cuidado ingresa al espacio político.

5.1. LEY LAFKENCHE Y ECMPO: DEL USO CONSUETUDINARIO A LA GOBERNANZA DEL MARITORIO

La promulgación de la Ley N.º 20.249 en 2008 introdujo en el ordenamiento jurídico chileno los Espacios Costeros Marinos de Pueblos Originarios (ECMPO), destinados a resguardar el uso consuetudinario mediante la destinación y posterior administración de espacios costeros por comunidades indígenas o asociaciones de

ellas que acrediten dichos usos. La propia ley los define como prácticas o conductas realizadas habitualmente y reconocidas colectivamente como manifestaciones de la cultura, pudiendo comprender usos pesqueros, religiosos, recreativos y medicinales (Ley N.º 20.249, art. 6).

La particularidad del instrumento reside precisamente allí: el reconocimiento jurídico no recae solamente sobre una superficie o sobre el acceso a determinados recursos, sino sobre prácticas. Pescar, recolectar, desplazarse, desarrollar actividades medicinales o religiosas participan de relaciones históricas con el espacio costero y pueden constituir formas de conocerlo y habitarlo. El uso consuetudinario contiene así un conocimiento realizado en la práctica, transmitido y recreado en ella.

Una vez destinado el ECMPO, su administración corresponde a la comunidad o asociación asignataria mediante un plan que identifica los usos y actividades desarrollados en el espacio y que puede incorporar también a otros usuarios (Ley N.º 20.249, art. 11). La continuidad de las prácticas consuetudinarias se transforma así en capacidad institucional de participar en las decisiones sobre el maritorio. Conocimientos y prácticas históricas ingresan a procedimientos estatales y deben encontrarse allí con organismos públicos, pesca artesanal, acuicultura, turismo y otros actores del borde costero.

Este encuentro ha hecho de la implementación de la Ley Lafkenche un espacio de controversia. Las posiciones tampoco se distribuyen mediante una oposición simple entre comunidades e industria: existen diferencias entre organizaciones de pescadores, comunidades, actores económicos e instituciones públicas. En el trasfondo se encuentran distintas maneras de asignar valor al espacio costero, diferentes temporalidades de uso y concepciones diversas acerca de quién posee conocimientos y legitimidad para participar en su administración.

La controversia adquirió una nueva expresión con el ingreso al Senado, en abril de 2023, del proyecto contenido en el Boletín N.º 15.862-21, destinado a modificar la Ley N.º 20.249. Su discusión ha vuelto a situar en el espacio público el alcance del reconocimiento de los usos consuetudinarios y su relación con otras actividades del borde costero (Senado de la República de Chile, 2023). Aquello que permanece en disputa excede, por tanto, la eficacia de un procedimiento administrativo: comprende también las condiciones bajo las cuales distintas formas de relacionarse con el mar pueden continuar realizándose y participar de las decisiones acerca de su futuro.

Desde nuestra perspectiva, allí reside la especial significación de los ECMPO. Una relación histórica con el mar se expresa en prácticas; las prácticas producen y conservan conocimientos; estos sostienen formas de organización, y la organización busca asegurar

las condiciones territoriales necesarias para su continuidad. El conocimiento vernáculo y el uso consuetudinario recorren así un tránsito hacia el reconocimiento jurídico y la acción política. Conservar una manera de vivir puede convertirse, en este movimiento, en una forma colectiva de resistencia.

5.2. HUMEDALES DE MONKUL: CONOCIMIENTO, COMUNIDAD Y PROTECCIÓN TERRITORIAL

*Kiraki kiraki kiraki kiraki
rakitruli rakitruli
truliraki truliraki truliraki truliraki
El ave Raki o bandurria es el que
sabe mejor contar...*

– Lorenzo Aillapan, *El raki o la Bandurria* (Aillapan & Rozzi, 2004)

En la costa de la comuna de Carahue, Región de La Araucanía, los Humedales de Monkul conforman un sistema estuarino de lagunas costeras, marismas y pajonales ribereños. Con una superficie de 1.380 hectáreas, albergan una importante diversidad biológica, con aproximadamente 171 especies vegetales y 134 especies animales, entre ellas numerosas aves acuáticas y migratorias (Ramsar Sites Information Service, 2020).

Pero Monkul es también un espacio habitado. Las comunidades mapuche lafkenche mantienen una relación histórica con el lugar y desarrollan allí actividades vinculadas a su subsistencia, conocimientos y prácticas culturales. En este contexto, el canto de la bandurria recogido por Aillapan adquiere otra densidad: el ave no aparece solamente como especie dentro de un inventario de biodiversidad; es observada, escuchada e incorporada al lenguaje. Su canto se vuelve ritmo, experiencia y conocimiento.

El 22 de mayo de 2020, Monkul fue designado Humedal de Importancia Internacional bajo la Convención Ramsar, constituyéndose en el primer sitio de esta categoría en la Región de La Araucanía (Ramsar Sites Information Service, 2020). La designación fue precedida por un proceso territorial en el cual la Comunidad Indígena Mateo Nahuelpán desempeñó un papel relevante. Entre 2018 y 2019 trabajó junto con académicos, vecinos y organismos públicos en la preparación del expediente de postulación; en enero de 2019, un *trawün* reunió a comunidades indígenas aledañas y otros actores para ampliar la participación y construir apoyos al proceso (Ministerio del Medio Ambiente, 2020; Ramsar Sites Information Service, 2020).

La protección institucional articuló así conocimiento y organización comunitaria con investigación científica, institucionalidad ambiental y un instrumento internacional de conservación. El proceso no sustituyó la experiencia territorial: permitió conducirla hacia nuevos lenguajes y dispositivos de protección.

La significación de Monkul, sin embargo, excede su condición de ecosistema de alto valor ecológico. El territorio participa de memorias y conocimientos donde agua, tierra y vida se encuentran relacionadas. En la tradición cultural mapuche, los relatos de *Txeng Txeng* y *Kay Kay* expresan una memoria en la cual tierra y agua participan de profundas transformaciones del territorio. Esta memoria adquiere una particular resonancia en Monkul, cuyo espacio costero fue profundamente transformado por el terremoto y maremoto de 1960, participando de la configuración actual del humedal (Ramsar Sites Information Service, 2020). Relato, memoria histórica y experiencia territorial confluyen así en un paisaje comprendido en permanente movimiento. Observar sus cambios, reconocer especies, interpretar señales y transmitir esas experiencias constituyen también formas de conocer. Esta relación adquiere particular importancia frente a las presiones que afectan al humedal. La documentación oficial identifica entre ellas su canalización para expansión ganadera y cambios de uso de suelo asociados a actividades agrícolas y forestales (Ramsar Sites Information Service, 2020). Frente a estas transformaciones, la organización comunitaria ha desarrollado acciones de recuperación, protección y reconocimiento cuya expresión institucional más visible es la categoría Ramsar.

Monkul muestra así otro camino hacia la acción política. Un conocimiento nacido y conservado en la experiencia territorial se relaciona con lenguajes científicos, administrativos y jurídicos; la comunidad participa en la elaboración del expediente, convoca mediante un *trawün*, construye alianzas y conduce una preocupación territorial hacia un instrumento internacional de conservación. Atender, conocer, convocar, cooperar, proteger y persistir aparecen aquí como prácticas mediante las cuales el cuidado adquiere capacidad política.

ECMPO y Monkul recorren caminos institucionales diferentes. En el primero, el uso consuetudinario se transforma en fundamento de reconocimiento y participación en la administración del maritorio; en el segundo, conocimiento territorial y organización comunitaria confluyen con un dispositivo internacional de conservación. Ambos permiten, sin embargo, reconocer un movimiento común: las relaciones territorialmente construidas producen conocimientos y prácticas; estas sostienen maneras de vivir y, cuando las condiciones de su continuidad entran en disputa, su cuidado puede convertirse en acción política. Es precisamente en ese tránsito donde situamos el amor como condición política de resistencia.

6. DISCUSIÓN. DE LA RESISTENCIA COMO PAUTA ÉTICA Y DE CÓMO EL FUTURO NACE DEL AYER

*Sobre los campos talados/Kulfenmew
angustiado/wüñankün ül
da vueltas el viento;/nentumekey kürüf
sobre el polvo y las cenizas/achellpeñ ka trumag wenuntufi
arrastrando los nidos/cheu ñi dañemum
donde soñaron las aves/ñi güñüm pewma
El viento se enloqueció entre las rocas /wehcwechi kürüf
porque a sus oídos ya no llega/allkütunofieltu
el canto suave de los árboles./aliewen ñi dungu.*

Kürüf (Leonel Lienlaf, 2003)

Los campos talados sobre los que gira el viento de Lienlaf constituyen una imagen elocuente para regresar sobre los casos analizados. Aquello que desaparece con el bosque no son solamente árboles. Desaparecen nidos, cantos, relaciones y posibilidades de existencia. La transformación de un espacio puede significar también la interrupción de las relaciones que permitían habitarlo, conocerlo y otorgarle sentido.

Los ECMPO y la experiencia de Monkul muestran, desde trayectorias diferentes, la capacidad de comunidades mapuche lafkenche para llevar relaciones históricas con sus territorios hacia prácticas contemporáneas de protección y acción política. El uso consuetudinario se convierte en fundamento de administración del maritorio; el conocimiento y cuidado de un humedal se articulan con la ciencia y con un instrumento internacional de conservación. En ambos movimientos hay continuidad, pero también traducción, aprendizaje y transformación.

Es allí donde proponemos comprender la resistencia como pauta ética. Una pauta no es una regla inmóvil, sino una recurrencia capaz de organizar relaciones y orientar acciones. Cuidado, cooperación, transmisión de conocimientos, organización comunitaria y defensa territorial reaparecen bajo formas diferentes frente a circunstancias históricas también diferentes. Resistir adquiere así una dimensión productiva: conserva y recupera, pero también recrea las condiciones desde las cuales una manera de vivir puede continuar transformándose.

Esta dimensión adquiere especial significación frente a la crisis ambiental contemporánea, donde los conocimientos indígenas y locales participan crecientemente

de las discusiones sobre conservación, resiliencia y adaptación climática (Berkes, 2012; Intergovernmental Panel on Climate Change, 2022).

Y es que del laberinto ciego no solo se puede salir, ilusoriamente, volando con alas de Ícaro. También podemos excavar túneles: buscar una salida por la tierra, por abajo.

La imagen invierte deliberadamente cierta representación del progreso. Aquello que fue considerado atrasado, residual o destinado a desaparecer puede contener conocimientos capaces de responder a problemas que la propia modernización contribuyó a producir. El *yamewün*, como disposición de respeto recíproco; el *keyuwün* o *mingako*, como cooperación y trabajo comunitario; o el *trafkintun*, como intercambio y reciprocidad, continúan produciendo relaciones y conocimientos en el presente. Intercambiar una semilla significa también intercambiar su historia, procedencia, adaptación, cultivo y cuidado. La semilla viene del ayer y, al mismo tiempo, contiene futuro.

La pregunta deja entonces de ser qué conocimiento pertenece al pasado y cuál al futuro. Comienza a ser qué relaciones con la vida produce cada conocimiento y qué futuros hace posibles.

6.1. RESISTENCIA, CONOCIMIENTO Y REGENERACIÓN

La resistencia territorial posee también una dimensión epistemológica. Defender un espacio implica disputar las maneras de conocerlo, valorarlo y decidir sobre él. Un mar puede ser recurso económico, vía de navegación, lugar de recolección, territorio ancestral, hábitat, espacio ceremonial y memoria; un humedal puede ser observado como superficie productiva, ecosistema, reserva de biodiversidad, espacio de subsistencia o lugar cargado de relaciones históricas y espirituales. Las controversias territoriales expresan, por ello, diferentes maneras de producir valor y comprender aquello que existe.

Los conocimientos vernáculos participan de estas disputas desde relaciones prolongadas con el territorio. El *kimün* se cultiva en la experiencia y encuentra en el *rakizum* –la reflexión– una posibilidad de actualización. Conocer, observar, recordar, reflexionar y actuar forman una trama en la cual la experiencia produce conocimiento y este abre nuevas posibilidades de acción. La preservación de un humedal, la administración comunitaria de un espacio costero o el intercambio de semillas constituyen, desde allí, prácticas que movilizan conocimiento y simultáneamente producen nuevos saberes.

La resistencia puede entonces devenir regeneración: proteger aquello que existe, recuperar aquello que ha sido deteriorado y producir relaciones capaces de sostener nuevamente la vida. El *itrofill mongen* adquiere aquí una profundidad particular. Más que

reducirlo a biodiversidad, permite atender a la multiplicidad de vidas y relaciones cuya coexistencia hace posible un mundo compartido.

Los nidos arrastrados por el viento de Lienlaf vuelven entonces a aparecer. Un nido es refugio y memoria, pero es fundamentalmente posibilidad de reproducción. Resguardar los nidos del *itrofill mongen* significa conservar las condiciones desde las cuales la vida puede volver a producir vida.

Y es allí donde comienzan a disponerse también los lechos para los embriones del *küme mogen*.

6.2. ÉTICA: ¿HUMUS PROGRAMÁTICO?

Si estas prácticas contienen aprendizajes acerca de cómo relacionarse, cuidar, compartir y responder frente a aquello que amenaza las condiciones de existencia, cabe preguntarse si esa experiencia puede constituir un terreno fértil –un *humus*– desde el cual pensar otras formas de convivencia.

El *humus* se forma mediante acumulaciones y transformaciones y desde allí hace posible que algo nuevo germine. Una ética comprendida como *humus programático* puede emerger, de manera semejante, de relaciones y prácticas cultivadas históricamente. Tradiciones, usos y costumbres contienen aprendizajes acerca de aquello que una comunidad reconoce como una manera apropiada de actuar; aquello que aprendemos a reconocer condiciona también aquello que somos capaces de cuidar.

Quien no ha aprendido a escuchar al río desde niño difícilmente reconocerá en él las mismas relaciones que quien ha construido parte de su existencia a su alrededor. Podrá observar agua, caudal, capacidad energética o disponibilidad para riego; otra experiencia puede reconocer simultáneamente memoria, vida, conocimiento y pertenencia. La percepción posee, por ello, consecuencias éticas y políticas. Como propone Iris Murdoch (2001), la vida moral comienza también en el trabajo de aprender a mirar y dirigir nuestra atención hacia aquello que existe.

En el conocimiento mapuche esta dimensión encuentra expresiones particulares. *Tuwün* y *küpalme* sitúan a la persona dentro de historias y relaciones que anteceden su existencia particular; el *az mapu* participa de orientaciones mediante las cuales busca realizarse como *norche*, *kümeche*, *newenche* y *kimche*. La continuidad mapuche se vincula así a relaciones de procedencia, lengua, autoridades, comunidad y territorio que comportan también responsabilidades (Painel, 2010).

Especialmente sugerente resulta aquí *choyüm*: nacer, brotar, manar. La proximidad entre el nacimiento humano y el brotar de aquello que emerge de la tierra condensa una

comprensión relacional de la vida. Nacer y brotar reúnen lo individual y lo colectivo, la vida humana y las demás formas de vida.

Desde allí podemos regresar al futuro. La conservación e intercambio de semillas, la cooperación comunitaria, el conocimiento situado de ecosistemas y las formas colectivas de administración territorial participan hoy de discusiones sobre biodiversidad, resiliencia, alimentación, adaptación climática y gobernanza ambiental. Su potencia, sin embargo, no reside únicamente en proporcionar respuestas útiles a problemas contemporáneos. También interrogan qué entendemos por desarrollo, bienestar, riqueza y progreso; qué relaciones estamos dispuestos a conservar y qué formas de vida reconocemos como participantes del mundo que buscamos construir.

Allí aparece el *kūme mogen*: un horizonte desde el cual pensar conjuntamente dimensiones que han tendido a separarse –individuo y comunidad, economía y vida, conocimiento y territorio, humanidad y naturaleza– y abrir otros criterios desde los cuales imaginar la convivencia.

El futuro no nace exclusivamente de la ruptura con el pasado. También puede germinar de aquello que las comunidades han conseguido mantener vivo. Las semillas intercambiadas en un *trafkintun*, los conocimientos transmitidos alrededor del fogón, las prácticas que permiten leer un humedal, los usos consuetudinarios que sostienen la relación con el mar y la palabra poética que escucha nuevamente a las aves provienen de historias anteriores a nuestras crisis contemporáneas y, sin embargo, contienen posibilidades para enfrentarlas.

Resistir puede ser conservar.

Puede ser recuperar.

Puede ser regenerar.

Y puede ser también crear las condiciones para que aquello que todavía no existe encuentre dónde brotar.

En esa capacidad de hacer germinar futuro desde relaciones heredadas, recreadas y compartidas, el amor adquiere la densidad política que hemos buscado a lo largo de este ensayo: una práctica mediante la cual aquello cuya existencia reconocemos como significativa encuentra condiciones para continuar viviendo.

Quizás sea precisamente allí donde el ayer deje de representar aquello que debemos abandonar para avanzar y se transforme, como el *humus*, en la materia fértil desde la cual pueda comenzar otra vez el futuro.

7. CONCLUSIONES. ¿ESPIGAS EN LA TIERRA?... ESTELAS EN EL MAR...

El recorrido realizado comenzó con una pregunta por el amor y termina necesariamente en una pregunta por las condiciones que hacen posible la vida. Entre ambos extremos transitamos por el conocimiento, el territorio y la resistencia para explorar de qué manera el amor puede adquirir, en contextos interculturales, una significación política.

Una primera constatación atraviesa este recorrido: las maneras de vivir se conservan mediante relaciones. Una cultura permanece no porque consiga mantenerse idéntica frente al paso del tiempo, sino porque existen personas y comunidades capaces de transmitir, recrear y transformar conocimientos, prácticas, lenguas, memorias y formas de convivencia. La continuidad cultural es, por ello, una actividad: ocurre cada vez que aquello recibido vuelve a ser vivido y adquiere sentido frente a nuevas circunstancias.

Desde allí, la resistencia puede comprenderse como práctica de conservación y regeneración. Los ECMPO y los Humedales de Monkul muestran caminos diferentes mediante los cuales conocimientos, usos consuetudinarios, organización comunitaria y experiencias históricas encuentran nuevas posibilidades de acción. Conservar no significa aquí inmovilizar. Puede significar proteger aquello que permanece, recuperar aquello que ha sido deteriorado y crear las condiciones para que nuevas relaciones puedan germinar.

Es precisamente en este movimiento donde el amor puede hacerse político. Se hace político cuando el cuidado requiere organización; cuando aquello que se reconoce como significativo debe ser defendido; cuando una memoria se transforma en demanda; cuando un conocimiento se convierte en argumento; cuando un uso consuetudinario adquiere reconocimiento jurídico; cuando una comunidad se organiza para proteger un humedal; cuando conservar una semilla significa también conservar la posibilidad de sembrarla nuevamente.

El amor como condición natural y política de resistencia constituye, desde allí, una proposición para observar las relaciones que preceden y sostienen determinadas acciones políticas y preguntarnos qué se intenta mantener vivo mediante ellas. La mirada amorosa adquiere su sentido en esa atención hacia aquello cuya existencia importa, hacia las relaciones que hacen posible su continuidad y hacia las prácticas mediante las cuales personas y comunidades procuran cuidarlas, recuperarlas y regenerarlas.

La resistencia puede constituirse así en pauta ética. Respeto, cooperación, reciprocidad y cuidado se realizan en prácticas cotidianas y se transmiten mediante la experiencia. Aquello que se hereda no son solamente conocimientos acerca del mundo, sino maneras de estar en él. Allí el *kūme mogen* abre un horizonte desde el cual volver a interrogar las relaciones que sostienen aquello que denominamos bienestar

y reunir comunidad y territorio, economía y vida, conocimiento y experiencia, seres humanos y naturaleza.

De allí nuestra pregunta: ¿espigas en la tierra?, ¿estelas en el mar?

La espiga contiene simultáneamente memoria y porvenir. Es resultado de una semilla anterior y posibilidad de nuevas semillas. La estela, en cambio, existe mientras algo avanza: permanece por un instante sobre el agua y señala un recorrido que inmediatamente comienza a transformarse. Quizás entre ambas imágenes pueda situarse la relación que hemos buscado entre conocimiento, resistencia y futuro: echar raíces sin permanecer inmóviles; avanzar sin perder la memoria de aquello que hizo posible el movimiento.

El futuro no necesita nacer de la negación del ayer. Puede brotar de aquello que hemos conseguido conservar, de aquello que somos capaces de recordar y también de aquello que aprendemos a transformar.

Todas estas reflexiones y cuentas en torno al amor natural son una provisión cuyo objeto es conmover el agua de la palabra y la intersubjetividad que, una vez acabado su cauce, debe precipitarse nuevamente hacia el mar. Así es el sinuoso movimiento del río: de la historia hemos de beber para no contraer nuevas frustraciones en viejos odres.

Que la palabra y el acto sean, pues, del pensamiento y del corazón de quienes comportan el mañana.

BIBLIOGRAFÍA

Aillapan, L., & Rozzi, R. (2004). Una etno-ornitología mapuche contemporánea: Poemas alados de los bosques nativos de Chile. *Ornitología Neotropical*, 15(Suppl.), 419–434.

Barron, N. (Comp.). (2008). *Kallfiv Mapu = Tierra azul: Antología de la poesía mapuche contemporánea* (edición bilingüe). Continente.

Bengoa, J. (2000). *Historia del pueblo mapuche: Siglos XIX y XX*. LOM Ediciones.

Berkes, F. (2012). *Sacred ecology* (3rd ed.). Routledge.

Chihuailaf, E. (1999). *Recado confidencial a los chilenos*. LOM Ediciones.

Dávila Yáñez, X., & Maturana Romesín, H. (2023). Cultural-biology: Our human living in conversations and reflection. *Adaptive Behavior*, 31(5), 517–528. <https://doi.org/10.1177/10597123231197751>

Goethe, J. W. von. (1810). *Zur Farbenlehre*. J. G. Cotta'schen Buchhandlung.

Huinao, G. (2006). *Hijas de la lluvia: Poemas de la mapu*. Cuarto Propio.

Intergovernmental Panel on Climate Change. (2022). Central and South America. In H.-O. Pörtner, D. C. Roberts, M. Tignor, E. S. Poloczanska, K. Mintenbeck, A. Alegría, M. Craig, S. Langsdorf, S. Löschke, V. Möller, A. Okem, & B. Rama (Eds.), *Climate change 2022: Impacts, adaptation*

and vulnerability. *Contribution of Working Group II to the Sixth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change* (pp. 1689–1816). Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/9781009325844.014>

Kvyeh, R. (1997). *Wvne Coyvn ñi Kvyeh/Luna de los primeros brotes*. Mapu Ñuke.

Lienlaf, L. (2003). *Pewma dungu: Palabras soñadas*. LOM Ediciones.

Luria, A. R. (1979). *The making of mind: A personal account of Soviet psychology* (M. Cole & S. Cole, Eds.). Harvard University Press.

Maturana, H. R. (1988). Reality: The search for objectivity or the quest for a compelling argument. *The Irish Journal of Psychology*, 9(1), 25–82. <https://doi.org/10.1080/03033910.1988.10557705>

Maturana Romesin, H., & Dávila Yáñez, X. (2008). *Habitar humano en seis ensayos de biología-cultural*. J. C. Sáez Editor.

Maturana, H. R., Dávila Yáñez, X., & Ramírez Muñoz, S. (2016). Cultural-biology: Systemic consequences of our evolutionary natural drift as molecular autopoietic systems. *Foundations of Science*, 21(4), 631–678. <https://doi.org/10.1007/s10699-015-9431-1>

Maturana, H. R., & Varela, F. J. (1980). *Autopoiesis and cognition: The realization of the living*. D. Reidel Publishing Company.

Maturana, H. R., & Varela, F. J. (1984). *El árbol del conocimiento: Las bases biológicas del entendimiento humano*. Editorial Universitaria.

Melin Pehuén, M., Coliqueo Collipal, P., Curihuinca Neira, E., & Royo Letelier, M. (2016). *AZMAPU: Una aproximación al sistema normativo mapuche desde el rakizum y el derecho propio*.

Ley N.º 20.249. Crea el espacio costero marino de los pueblos originarios. 31 de enero de 2008. Biblioteca del Congreso Nacional de Chile. <https://www.bcn.cl/leychile/navegar?idNorma=269291>

Ministerio del Medio Ambiente. (2020, 17 de julio). *Humedal de Monkul en Carahue es reconocido como primer Sitio Ramsar en la Región de La Araucanía*. <https://mma.gob.cl/humedal-de-monkul-en-carahue-es-reconocido-como-primer-sitio-ramsar-en-la-region-de-la-araucania/>

Murdoch, I. (2001). *La soberanía del bien* (A. Domínguez Hernández, Trad.). Caparrós Editores. (Trabajo original publicado en 1970)

Painel, V. (2010). *En medio de la gestación de la medicina intercultural: Machis y sistema público de salud* [Tesis de magister, Universidad de Chile].

Ramsar Sites Information Service. (2020). *Humedales de Monkul*. <https://rsis.ramsar.org/rsis/2423>

Senado de la República de Chile. (2023). *Boletín N.º 15.862-21: Introduce diversas modificaciones en la Ley N.º 20.249, que crea el espacio costero de los pueblos originarios, con el objeto de perfeccionar su implementación*.

Varela, F. J. (1979). *Principles of biological autonomy*. North-Holland.

Varela, F. J. (1999). *Ethical know-how: Action, wisdom, and cognition*. Stanford University Press.

Varela, F. J., Thompson, E., & Rosch, E. (1991). *The embodied mind: Cognitive science and human experience*. MIT Press. <https://doi.org/10.7551/mitpress/6730.001.0001>

SOBRE OS ORGANIZADORES

Jesús Rivas Gutiérrez

Pregrado: Licenciatura en Odontología, egresado de la Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM). Diplomado en Investigación Educativa por la Universidad Autónoma de Zacatecas (UAZ). Especialidad: Docencia Superior por la Universidad Autónoma de Zacatecas (UAZ). Posgrado: Maestría en Ciencias de la Educación por la Universidad Autónoma de Zacatecas (UAZ). Posgrado: Doctor en Ciencias de la Educación por la Universidad Autónoma Benito Juárez de Oaxaca (UABJO).

Docente de base de tiempo completo por más de 35 años en la Universidad Autónoma de Zacatecas en la Unidad Académica de Odontología y la Unidad Académica de Docencia Superior (UAO/UAZ – UADS/UAZ). Docente invitado en la Maestría en Docencia e Investigación Jurídica de la Unidad Académica de Derecho de la Universidad Autónoma de Zacatecas (UAD/UAZ).

Docente invitado en el Doctorado de Farmacología de la Unidad Académica de Medicina Humana de la Universidad Autónoma de Zacatecas (UAMH/UAZ). Ponente en eventos académicos locales, regionales, nacionales e internacionales con temáticas sobre odontología, educación, enseñanza-aprendizaje, práctica docente, medio ambiente, sustentabilidad, representaciones sociales, evaluación y reestructuración curriculares entre otros temas.

Autor de diversos libros, capítulos de libro y artículos en revistas nacionales e internacionales sobre odontología, educación, enseñanza aprendizaje, práctica docente, medio ambiente, sustentabilidad, representaciones sociales, evaluación y reestructuraciones curriculares entre otros temas.

Director de la Unidad Académica de Odontología de la Universidad Autónoma de Zacatecas, periodo 2008-2012. Responsable Académico de la Licenciatura de Médico Cirujano Dentista de la Unidad Académica de Odontología de la Universidad Autónoma de Zacatecas, periodo 2004-2008. Coordinador de Acreditaciones de la Unidad Académica de Odontología de la Universidad Autónoma de Zacatecas, periodo 2016-2021.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7223-4437>

Christian Starlight Franco Trejo

Médica Cirujana Dentista por la Unidad Académica de Odontología de la Universidad Autónoma de Zacatecas (UAZ). Maestra en Ciencias de la Salud con Especialidad en Salud Pública por la Universidad Autónoma de Zacatecas (UAZ). Doctora en Investigación Educativa por la Normal Superior de Ciudad Madero, Tamaulipas. Diplomada en “El derecho

a la educación en las unidades médicas” por la Universidad Veracruzana. Certificada en Odontología por la Federación Dental Iberoamericana.

Docente-investigadora de la Maestría en Ciencias de la Salud con Especialidad en Salud Pública de la Unidad Académica de Medicina Humana de la Universidad Autónoma de Zacatecas desde 2006. Responsable del Programa de Maestría en Ciencias de la Salud con Especialidad en Salud Pública de la Universidad Autónoma de Zacatecas para el periodo 2025-2029. Editora de la revista *Conference Proceedings, Jornadas de Investigación en Odontología*, de la UAO/UAZ, desde 2021. Integrante del Comité de Investigación de la UAO/UAZ desde 2023 y vocal del Consejo Nacional de Cuerpos Académicos de Odontología (CONACAO) desde 2022.

Integrante desde 2016 y líder del Cuerpo Académico Consolidado UAZ-CA-36 “Vigilancia Epidemiológica en el Grupo Social Familia”. Cuenta con Perfil PRODEP desde 2013, con vigencia hasta 2029, y fue candidata al Sistema Nacional de Investigadores durante el periodo 2023-2026.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4250-5483>

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abidos 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 185, 186

Abolicionismo 70

Acuifero Guarani 1, 2, 4, 5, 7, 8, 9

Adolescencia 86, 90, 106

Agroecologia 48, 49, 52, 55

Agua 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 13, 14, 15, 16, 17, 20, 21, 22, 24, 28, 31, 32, 35, 36, 52, 53, 57, 58, 61, 62, 65, 66, 68, 108, 207, 208, 209, 213, 216, 219

Aguate 10, 12, 13, 14, 15, 16, 19, 20, 21, 23, 26, 29, 33, 34, 37

Alfabetización física 150, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158

Al-Madina District 38, 40, 44

Amor 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 213, 217, 218, 219

Aprendizaje cognitivo-motriz 150, 152, 155

Arqueología 176, 177, 179, 182, 185, 188, 190, 198

B

Biología cultural 200, 202, 203, 204, 207

Buen vivir 200, 202, 208

C

Cannabis 48

Ciencia 56, 67, 120, 121, 122, 123, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 133, 135, 136, 137, 139, 140, 142, 149, 198, 200, 203, 214

Científico 67, 120, 121, 122, 125, 127, 128, 131, 134, 135, 142

Comercio internacional 7, 9, 10, 14, 20, 31

Convivencia escolar 106, 108, 111, 115, 118, 119

Cuidado 58, 62, 81, 86, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 145, 152, 200, 201, 202, 203, 208, 209, 210, 213, 214, 215, 218

D

Debido proceso 21, 98, 101

Dendera 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199

Derecho ambiental 10, 14, 24

Desarrollo integral 108, 112, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159

Desenvolvimento sustentável 48, 49, 51, 52, 53, 54

Design history 160

Direitos das Mulheres 70, 71

Discriminación 66, 86, 88, 90, 94, 95, 96, 112

Downtown Amman 38, 41, 43, 44, 45

E

Educación en ingeniería 137

Educación Física 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159

Educar 120, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 129, 130, 131, 134, 135, 136

Egiptología 176

Epigrafía 176, 178, 179

Estados Unidos 1, 2, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 16, 17, 18, 21, 29, 32, 35, 36, 73, 111, 112

Ética profesional 137, 143, 145

Exploração sexual 70, 74, 75, 76, 80, 85

F

Falsas denuncias 98, 99, 100, 102

Feminismo 70, 149

G

Garantías constitucionales 98, 101, 102, 104

GOST 3489 160, 161, 162, 163, 164, 166, 168, 169, 170, 171, 173, 174, 175

H

Harsomtus 188, 189, 190, 191, 194, 196, 197, 198, 199

Heritage conservation 38

Hortas urbanas 48, 51

Humanizar 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 131, 133, 134, 135

I

Inclusión 114, 115, 137, 138, 139, 140, 141, 143, 147, 148

Inovação 48, 49, 51, 52, 53, 54

Inteligencia artificial 20, 137, 139, 141, 142, 143, 144

Interculturalidad 113, 200, 201, 203

Investigación criminal 98, 99, 100, 101

L

LEED for Cities and Communities 38, 39, 40, 42, 46

M

Maternidad 86, 87, 88, 89, 91, 93, 94, 95, 96, 97

Mediação escolar 106, 109, 110, 114, 115, 117, 118

Michoacán 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 20, 21, 24, 25, 29, 34, 35, 36, 37

N

Normalización de la violencia 106, 107, 108, 109, 110, 112, 115, 117

O

OST-1337 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174

P

Participación comunitaria 56, 57, 58, 67

Paternidad 86, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96

Pedagogía del movimiento 150, 154

Perspectiva de género 89, 99, 137

Postpandemia 106

Presunción de inocencia 98, 101, 104

Programa social 57, 61

Prostituição 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85

Prueba penal 98

Pseudoarqueología 179, 183, 185, 188

R

Reflexividad 137, 140, 143, 144, 145, 146, 147, 148

Religião egípcia 188, 191

Resistencia 87, 92, 117, 118, 155, 200, 202, 203, 207, 208, 209, 210, 212, 213, 214, 215, 216, 218, 219

S

Segurança alimentar 48, 49, 50, 51, 53, 54, 55

Socializar 120, 122, 123, 124, 125, 126, 129, 134, 135

Sostenibilidad 10, 13, 16, 28, 30, 34, 68, 137, 139, 140, 141, 146, 147, 148, 149

Soviet type standardization 160, 161, 162, 165, 168

Sudamerica 1, 9

Sustainable redevelopment 38

Sustentabilidad 22, 24, 25, 32, 33, 36, 54, 57, 68, 69, 140

T

Tecnología antigua 176, 177

T-MEC 10, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 23, 26, 30, 33, 34, 35

Typographic history 160, 173

U

Urban strategic framework 38

V

Violencia 86, 88, 93, 94, 96, 97, 98, 99, 101, 103, 104, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 117, 118, 119, 132, 133, 136, 137, 139, 147

Violencia de género 98, 99, 101, 103, 104, 137

Violencia laboral 86, 93

Visibilización 106, 110, 148

Visual infrastructure 160, 162, 163, 164, 174



**EDITORIA
ARTEMIS**

2026